



A polémica sobre o comprimento do rio

Comparada com a nascente do rio Nilo, descoberta no século passado, a do Amazonas demorou muito a ser localizada. Em 1971 a National Geographic Society financiou uma expedição ao sul do Peru, no Monte Huagra. Até o final da década de 70 acreditava-se que a nascente seria nessa região. Na década de 80 cientistas peruanos realizaram novo mapeamento e mostraram que a nascente ficava mais ao sul do país, na Cordilheira de Chila. Apesar do Instituto Geográfico Nacional peruano incorporar a informação e citar em suas publicações o nevado Mismi como sendo a nascente do Amazonas, o dado não foi divulgado internacionalmente. Nos meses de novembro e dezembro de 1994 realizamos a expedição ao sul do Peru, em busca da nova nascente. Nós fomos a primeira equipe de TV do mundo a documentar o local da verdadeira nascente, situada a uma altitude de 5.300 m.



Mapa do Sul do Peru, mostrando que o rio Amazonas possui, pelo menos, 90Km a mais do que foi divulgado pelo Guinness Book, que tomava referência uma suposta nascente no Monte Huagra. Na verdade a nascente é no Nevado Mismi, na Cordilheira de Chila, mais ao sul.

Mapas e livros de todo o mundo precisam ser corrigidos, sob pena de perpetuar o antigo erro de geografia que coloca o Amazonas em segundo lugar, atrás do Nilo. O critério adotado internacionalmente para medição de todos os rios do mundo é a utilização de seu formador mais extenso, isto é, o ponto mais distante de onde nascem as águas do rio. Ao longo de décadas pensava-se que a nascente do rio Amazonas ficasse nas cabeceiras do rio Marañon, no norte do Peru — como em um documentário realizado pelo oceanógrafo francês Jacques Cousteau —, apesar de já se conhecer informações dos cientistas peruanos de que a nascente se situava no rio Ucayali, no sul do país.

A nascente do Amazonas fica nos Andes peruanos, uma das regiões mais secas do mundo. Em todo o território brasileiro o rio penetra a maior selva equatorial do planeta. Quando chega no Atlântico, o Amazonas literalmente empurra o oceano até uma distância de 200 quilômetros da costa. O volume de água despejado na foz corresponde à quinta parte da água jogada no mar por todos os rios do mundo. A bacia amazônica não só é a maior bacia hidrográfica do planeta como tem a maior concentração de água doce em estado líquido da Terra.

Há mais de 10 anos o Peru considera a nascente do Amazonas na nascente do Ucayali-Apurimac. A localização se tornou possível a partir de estudos minuciosos, imagens aéreas e de satélite analisados pelo Instituto Geográfico Nacional daquele país, que estipulou a extensão do Amazonas em 6.762 quilômetros (em publicações anteriores, como o Atlas dei Peru, o Amazonas já era registrado como o maior rio do mundo).

Com 3 mil quilômetros de extensão, o Ucayali é o formador do Amazonas mais extenso e, também, o mais caudaloso. As nascentes mais remotas do Ucayali-Apurimac estão ao norte do povoado de Chivay (região de Arequipa), na cordilheira ocidental dos Andes peruanos conhecida como Cordilheira de Chila, localizada nas encostas do nevado Mismi, a 5.300 metros de altitude.

Quando retornamos de nossa expedição, pedimos ajuda ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), em São José dos Campos (SP), centro de excelência para imagens de satélite em toda a América do Sul.

A partir das coordenadas que fornecemos, o INPE empreendeu estudos minuciosos e constatou que o rio Amazonas possui, de fato, 90 quilômetros além do divulgado.

- Certamente os seus dados confirmam onde o rio nasce, bem mais ao sul do monte Huagra, na falda norte da Cordilheira de Chila, nas coordenadas que vocês nos trouxeram. Sabendo onde ele nasce, fica muito mais fácil saber onde termina - comentou o pesquisador Paulo Martini.

Com as informações reunidas, os pesquisadores do INPE iniciaram um trabalho meticuloso de medição do rio Amazonas, utilizando terminais de computador e dezenas de imagens de satélite. Paulo Serra, gerente do Centro Espacial de Cachoeira Paulista, responsável pelo sensoriamento remoto do INPE, nos explicou:

- Antigamente os estudos do planeta eram feitos com ferramentas muito rudimentares. Hoje podemos contar com tecnologia de ponta para obter uma visão geral de todo o rio Amazonas, por exemplo. Podemos usar imagens de satélite em lugar de picaretas.

Agora que já foram confirmados os 90 quilômetros a mais do Amazonas em sua nascente, só falta os especialistas definirem até onde vai o rio em sua foz, necessidade reconhecida por dois grandes nomes da comunidade científica brasileira.

- A boca norte e a boca sul do Amazonas são legítimos estuários, com história geomorfológica e hidrológica complexas. Nós temos uma história inteira de duas bocas. Por isso mesmo, para se medir o Amazonas precisamos ir ao extremo de sua nascente mais distante até o canal mais longo do seu delta - explicou o professor Aziz Ab'Saber, um dos maiores geólogos brasileiros.

Com provas de que as águas do rio Amazonas chegam até o nordeste da ilha de Marajó, o diretor técnico da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável, Enéas Salati afirmou:



O mapa mostra a foz do rio Amazonas, com as ilhas formadas por sedimentos ao longo de milênios. Os 200 quilômetros de Macapá até a parte externa do delta ainda não foram incluídos na medição total do rio Amazonas

Encontramos água do rio Amazonas na ponta nordeste da Ilha de Marajó. É água do rio, como se fosse a impressão digital. Acho que se deve definir um critério para estabelecer onde o rio Amazonas termina de fato. Eventualmente, uma linha

passando por fora de todas as ilhas que formam essa região extensa e complexa da foz do Amazonas.

Independentemente do critério adotado para medir sua foz (braços direito ou esquerdo), o Amazonas já supera o Nilo em extensão. Cabe agora ao INPE definir a medida total exata.



O rio Solimões é o próprio rio Amazonas que recebe este nome no trecho entre a fronteira do Peru e a cidade de Manaus.

Pretendemos fazer um workshop envolvendo as comunidades científicas brasileira e estrangeira, para discutir com pessoas interessadas nesta questão. Nosso trabalho, agora, é caracterizar, definir cartograficamente e divulgar internacionalmente o resultado que vocês nos trouxeram -disse o diretor do INPE, Márcio Barbosa.

A partir do resultado desse trabalho que o INPE pretende desenvolver poderemos acabar, de uma vez por todas, com as dúvidas sobre o real comprimento do Amazonas.

História

Pouca gente sabe que a Amazônia já foi um mar, com abertura para os oceanos Pacífico e Atlântico.



Paredão da Quebrada Carhuasanta, local da nascente.

No período em que a América do Sul ainda estava ligada à África, na Pangéia, este mar tinha uma abertura para o Pacífico. Depois de centenas de milhões de anos, com a separação das placas continentais e a formação da cordilheira dos Andes,

foram criadas condições ideais para o surgimento de uma imensa floresta equatorial. Os Andes começaram a funcionar como um paredão, interceptando os ventos alísios vindos do Atlântico e retendo a umidade que circula na planície amazônica.

O professor Aziz Ab'Saber se emociona ao descrever a história geológica do rio Amazonas:

- A formação da bacia amazônica é quase um filme. Primeiro não havia uma fachada atlântica. Toda a Amazônia estava voltada para o Pacífico. Depois surgiram as montanhas — os Andes. Mais tarde houve a formação de lagos. As chuvas torrenciais carregavam sedimentos e faziam depósitos na planície. Pouca gente pode imaginar o que foi a formação dos Andes para a Amazônia. Ergueram-se pacotes dobrados...vieram depósitos dos Andes, do Escudo das Guianas e do Escudo Brasileiro e tamponaram a região. Só então começa a história do rio Amazonas.

Os primeiros exploradores chamaram de mar — mar dulce ou mar doce. Em fevereiro do ano de 1500, antes da chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil, o navegador espanhol Vicente Yanez Pinzón ficou perplexo ao descobrir a imensa foz do Amazonas e chamou o local de Santa Maria dei Mar Dulce.



Ivan, Roberto e Paula comemorando a chegada à nascente do rio Amazonas.

O rio só recebeu o nome de Amazonas em 1541, quando outro espanhol, Francisco Orellana, navegou pela primeira vez todo o seu curso na planície. Orellana disse ter enfrentado índias guerreiras montadas a cavalo, como na lenda das Amazonas, fato que determinou a escolha do nome para o grande rio.

Ainda sobre a confusão entre rio e mar, relatos do século XVII revelam que marinheiros de uma nau espanhola, navegando em pleno Oceano Atlântico, ao norte da Ilha de Marajó, abordaram outra nau para pedir água para beber. A resposta da outra tripulação foi: "Joguem as tinas ao mar e vão encontrar água doce para beber".

Desde o início do século XVI, quando Pinzón navegou em suas águas, o rio Amazonas permaneceu pouco explorado. Só recentemente foram descobertos novos afluentes na selva, totalizando 1.100. Pinzón desceu o rio. Nós fizemos o percurso contrário — desde a foz até a nascente, nas encostas do Mismi.



Detalhe da cruz no local da nascente, em homenagem ao expedicionário Loren Mc Intyre

Fonte: "Expedições - Terras e Povos do Brasil - Nascente do Amazonas - Paula Saldanha. Edições Del Prado"